

Xicoténcatl (1826):
Primeiro Romance Histórico Latino-Americano

Rodrigo Smaha Lopes¹

Gilmei Francisco Fleck²

RESUMO: Neste trabalho busca-se tratar das características do romance histórico clássico, gênero inaugurado por Walter Scott em 1814, e expor como o primeiro romance histórico latino-americano, *Xicoténcatl* (1826), de autoria anônima, apresenta, com um olhar *avant-garde*, rupturas em relação ao modelo clássico; apresentando modificações na estrutura proposta anteriormente e no discurso ficcional que relê a história.

Palavras-chave: Romance histórico clássico; *Xicoténcatl*; Rupturas; Literatura Hispano-americana.

ABSTRACT: This papers aims at dealing with the characteristics of the classic historical novel, genre inaugurated by Walter Scott in 1814, and exposing how the first Latin American historical novel, *Xicoténcatl* (1826), written anonymously, presents, with an *avant-garde* look, ruptures with the classical model, showing changes in the previously proposed structure and in the fictional discourse that rereads the story.

Keywords: Classic historical novel; *Xicoténcatl*; Ruptures; Hispano-American Literature.

Introdução

O inaugurador do gênero híbrido que hoje conhecemos como romance histórico foi o escritor escocês Walter Scott (1771–1832). Anteriormente às suas produções híbridas conscientes da mistura entre história e ficção – como *Waverley* (1814) e *Ivanhoé* (1819), entre outras – publicaram-se obras com temas históricos, porém, a estas lhes faltava um olhar sobre

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Letras, Área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/Cascavel). Integrante do Projeto de extensão "Literatório: a prática da literatura na escola", vinculado ao Programa PELCA - Programa de Ensino de Literatura e Cultura. E-mail: rodrigo_smaha@hotmail.com

² Gilmei Francisco Fleck - Professor Adjunto da UNIOESTE/Cascavel na Graduação em Letras, nas áreas de Literatura e Cultura Hispânicas, e na e Pós-graduação em Letras, nas áreas de Literatura Comparada e Tradução. Doutor em Letras pela UNESP/Assis. Vice-líder do grupo de pesquisa "Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas Diversas Linguagens". Coordenador do PELCA: Programa de Ensino de Literatura e Cultura. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

a realidade social como sendo um produto da história, uma representação artística fiel de um período concreto, configurado por meio de personagens e suas ações. Assim, “a la llamada novela histórica anterior a Walter Scott le falta precisamente lo específico histórico: el derivar de la singularidad histórica de su época, la excepcionalidad en la actuación de cada personaje.” (LUKÁCS, 1997, p. 15). Ao falar do romantismo do século XVIII, Lukács afirma, ainda, que os escritores refletiam: “[...] las características esenciales de su época con un realismo audaz y penetrante. Pero no saben ver lo específico de su propia época desde un ángulo histórico”. (LUKÁCS, 1977, p. 16). O crítico refere-se à ideia de que cada momento na existência de um grupo ou de uma nação é condicionado por um passado que deveria ser representado de forma mais consciente pela ficção quando essa se alimenta do passado histórico.

Entretanto, é necessário entender que o material histórico terá um tratamento diferenciado ao ser incluído na trama romanesca. Lukács (1977), como primeiro estudioso do gênero romanesco em questão, busca trazer tal diferenciação entre os romances que apenas exploram a temática histórica daqueles romances históricos clássicos produzidos por Scott. Segundo seus registros, no primeiro caso, temos uma narrativa na qual a historicidade não é penetrante e os fatos do passado trazidos para a trama romanesca serão apreciados apenas na sua superfície. No segundo tipo de narrativa híbrida mencionada, há uma tematização de um período histórico concreto, exposto na ficção, sobretudo, a partir das crises oriundas dos conflitos de classes.

As características mais evidentes desse tipo de romance, de acordo com Carlos Mata Induráin (1995, p. 16-20), que se baseia no texto de Lukács sobre o romance histórico, são as seguintes: 1. Situam uma ação fictícia, inventada, narrada em primeiro plano, em um passado real, histórico, mais ou menos longínquo; 2. Narrativas que reconstróem a época em que se situa a ação de forma rigorosa; 3. É um gênero híbrido, mistura de invenção e discurso historiográfico. Assim, ficção e história se entrecruzam na junção de elementos históricos com elementos inventados pelo romancista e isso pode ser facilmente comprovado pelo tema ou argumento utilizado pelo ficcionista.

De outra forma, é possível definir, ao ler os textos de Lukács (1977), Márquez Rodríguez (1995) e Mata Induráin (1995), as principais características dos romances históricos românticos, por meio de quatro características básicas, a saber:

1- Presença de um “pano de fundo” cuja ambientação é feita com base em um período histórico real, mais ou menos distante do tempo do romancista. Este “pano de fundo” é constituído de um rigoroso caráter histórico e da apresentação de personagens históricas bem conhecidas que agem segundo as normas de sua época, conservam traços físicos, emocionais e psicológicos que já lhe foram atribuídos pelo discurso historiográfico e localizam-se em situações historicamente comprovadas. Busca-se, assim, ensinar história pela ficção, não há questionamentos sobre a forma como esse passado foi apresentado anteriormente;

2- Uma trama ficcional na qual personagens são artisticamente compostas é apresentada, mas estas se adéquam às características de existência comum, dadas pelos personagens de extração histórica da época real do “pano de fundo”. Os personagens ficcionais vivenciam suas aventuras, ações que são o centro da narrativa. Ou seja, há dois planos bem definidos.

3- Apresentação, nesta trama ficcional em primeiro plano, de uma história problemática de amor, cujo desfecho pode ser tanto feliz quanto trágico, mantendo-se dentro dos padrões românticos da época;

4- A trama ficcional é o componente essencial da obra e nela se concentra a atenção tanto do autor como do leitor. O contexto histórico real constitui somente “pano de fundo”. É do enfrentamento entre as personagens principais, de caráter ficcional, e das secundárias, históricas e de extração real, que se originam alguns dos argumentos fundamentais da trama.

No romance histórico clássico, segundo Lukács (1977), em seu estudo de análise de todos os processos que levaram ao surgimento desse gênero, pode-se perceber um conjunto de características específicas desse gênero romanesco, com relação aos personagens. A primeira delas seria a escolha de personagens medianas, desprovidas de uma elevação “natural” que as colocariam diretamente em um nível superior, ou seja, o *ethos* não possui relevância para a caracterização das personagens puramente ficcionais no novo gênero.

Uma segunda característica tem relação com o tratamento dispensado aos personagens de extração histórica, que no romance histórico clássico, diferentemente das epopeias e tragédias, ocupam um lugar secundário na trama. Elas continuam, porém, a preservar toda a sua importância, pois são figuras consagradas antes pelo discurso historiográfico. As personagens de extração histórica são a peça fundamental para a criação das obras, pois é em torno a elas que são representadas as crises históricas que se quer pôr em evidência pela ficção. No texto híbrido essas crises são tratadas indiretamente, buscando-se ressaltar não o momento em si, mas as consequências e efeitos que essas transformações causaram nos personagens. As

crises mudam não só a história, mas também, e de maneira profunda, os destinos pessoais, perpassando por relações entre pais e filhos, amantes e amadas, enfim há um entrelaçamento entre o indivíduo e o momento histórico. Essa era, talvez, a forma “crítica” que se ocultava nas profundas redes do romance histórico clássico, já que nele não se buscava, de forma alguma, contestar as “verdades” cristalizadas pelo discurso histórico sobre as personagens e suas ações realizadas no passado reconstituído na trama ficcional. Pelo contrário, nessa primeira modalidade de romance histórico, a ficção se irmanava com o discurso historiográfico.

1. *Xicoténcatl* (1826) – A construção de novos olhares sobre o passado

A obra que aqui destacamos foi escrita no México, publicada na Filadélfia, e possui autoria anônima. Contudo, alguns críticos tentam desvendar a nacionalidade do autor. Um deles, Pedro Henriquez Ureña (1928), diz o seguinte:

No cabe pensar que el autor de Jicoténcal sea otra cosa que americano: las censuras a los conquistadores son demasiado fuertes hasta para un español liberal de entonces. Y la especie de patriotismo indígena que alienta en la obra hace pensar que el autor ha de ser mexicano. (UREÑA, 1928, P. 243)

A América hispânica se revelou, com a publicação dessa narrativa, que apresenta a lentidão e a elevação moral comum aos escritos do final do século XVIII e começo do XIX, conhecedora da modalidade romanesca tão explorada na Europa de então: o romance híbrido de história e ficção. Um desenvolvimento calmo e um diálogo sensato colocam tal obra no seio da literatura neoclássica tardia que foi predominante no período anterior ao advento do Romantismo. Narra-se o encontro entre dois mundos: o dos conquistadores europeus e o das civilizações americanas pré-colombianas (ANÓNIMO, 1826a). Dividem o espaço protagônico da obra, de um lado, Hernán Cortés e Malinche – por meio da qual temos uma temática da obra: a relação inter-racial: pois ela é uma mulher nativa que ajudou o europeu na conquista. Porém, nesse caso de narração híbrida hispano-americana a união dos dois se concretiza e dela se gera um filho, considerado o primeiro mestiço dessa região americana. Além desse exemplo, temos outra tentativa de união inter-racial que se dá por meio da tentativa de Cortés em “conquistar” Teutila, mulher de Xicoténcatl filho. Essa, contudo, não resultou exitosa – e, de

outro lado, o jovem Xicoténcatl, que atua de forma direta na construção do discurso histórico, e toda a sua tribo Tlaxcalteca.

Pelo fato de tais personagens dividirem o espaço de destaque da obra, temos, assim, a primeira ruptura em relação às características do romance histórico clássico, anteriormente mostradas. Ocorre a ficcionalização de personagens históricos, ao contrário da fórmula de Walter Scott, aprovada por Luckács, que se utilizava de personagens fictícios como protagonistas. Ou seja, nessa obra, o fato histórico em si que, nos romances clássicos anteriores constituía-se em pano de fundo, é tema central e único do romance, com um ambiente histórico rigorosamente reconstruído, no qual figuras históricas ajudam a fixar a época, agindo conforme a mentalidade de seu tempo e os personagens e fatos não são inventados pelo autor, mas recriados sob outras perspectivas. Tais fatos e personagens existiram na realidade da conquista do México. O fictício também está presente de modo suficiente para conferir ao texto valor romanesco e não historiográfico, portanto, os elementos fictícios e os históricos se fundem de forma harmoniosa.

Com o deslocamento da ação principal, os elementos fictícios “serán mas bien observaciones personales del novelista; suposiciones justificadas por el carácter omnisciente del narrador; pequenísimas e intrascendentes alteraciones de elementos de la realidad histórica.” (MÁRQUEZ RODRÍGUES, 1991, p. 39). Ou seja, no romance histórico clássico, o narrador apresenta-se, geralmente, na terceira pessoa, fato que confere ao texto um maior distanciamento e imparcialidade, já em Xicoténcatl, com o abandono de dois planos bem definidos, cria-se a possibilidade de atuação de um narrador que terá mais liberdade, capaz de revelar as vozes interiores dos personagens, seus fluxos de consciência, em primeira pessoa; além de estabelecer diálogos com o narratário e expressar opiniões sobre personagens e ações por elas efetuadas.

Na obra, os nativos Tlaxcaltecas, assim como outras tribos da região mexicana, são exaltados; e os conquistadores espanhóis, severamente denunciados – tema que seguirá repetindo-se no romance histórico-latino americano – invertendo-se, assim, o discurso da conquista do México a partir de um foco narrativo centrado na visão dos autóctones que revela a hipocrisia e as intrigas das negociações feitas por Cortés para, finalmente, conquistar a Cidade do México e derrotar todas as resistências à sua invasão. Esse discurso crítico em relação à história oficial é uma das maiores rupturas desse romance de 1826 com a modalidade clássica scottiana anterior. Ou seja, mesmo sendo esse o primeiro romance histórico da América-Latina, já é possível observar nele uma maior criticidade em relação aos movimentos sócio-

políticos, uma fuga do discurso pacificador da colonização da América, uma clara posição anti-hispanista em relação ao discurso produzido pelo conquistador sobre os eventos narrados na perspectiva eurocêntrica da história positivista.

No romance se descreve desde a chegada de Hernán Cortés e seu exército na fronteira da república de Tlaxcala, no outono de 1519, e a resistência oferecida no início pelas tribos autóctones, até a morte de Xicoténcatl filho, em 1521. As tribos, uma vez derrotadas, fornecem a colaboração que ajudou o conquistador espanhol no seu avanço em direção a Tenochtitlán. Essa trajetória culminou com a última derrota dos nativos e a conquista do Império Asteca pelos espanhóis. Com a chegada de Cortés em território dos Tlaxcaltecas, Xicoténcatl filho assume o poder. Ele propõe aos guerreiros nativos que lutem contra os espanhóis invasores. Contudo, o influente nativo Magiscatzin, persuadido por Cortés, força o jovem guerreiro pelas artimanhas realizadas no Senado a colaborar com o líder espanhol. Xicoténcatl o pai, cuja configuração revela forças morais e qualidades que são diretamente opostas aos defeitos e fraquezas morais de Cortés, respeita a resolução do Senado de Tlaxcala, que apoia Magiscatzin, e induz seu filho mais rebelde a obedecer a essa decisão até que possam encontrar outro meio de resistência. O jovem aceita o designio de seu pai, porém, segue relutante e cheio de suspeitas.

O personagem, Xicoténcatl o filho, tem uma configuração idealizada na obra: é decisivo e inteligente. Tem grande força de vontade, a personalidade forte, porém sensível. Ele é um homem fiel, honesto e comprometido. Determinado, um jovem distinto, possuidor de talentos militares, dons naturais e um grande amor pela sua nação. Ele possui uma voz sonora e dignificante, é respeitoso, um homem de grandes virtudes. Ele oscila entre o libertador e o bom selvagem, sábio e calmo em seu discurso. Xicoténcatl liderava seu povo de maneira sem igual, atencioso, apaixonado e romântico. A descrição do personagem serve para mostrar uma norma de conduta moralmente digna e politicamente correta, pondo em jogo o poder que rege as palavras e as normas que regem a sociedade moderna.

Com relação a tal configuração do personagem, logo na introdução de *Xicoténcatl* conseguimos apreender o propósito e importância da obra, na qual toda uma corrente de oposição à imagem dos colonizadores está presente e o porquê da configuração do herói anteposta àquela dos europeus:

[...] the author's purpose in the writing of *Xicoténcatl* was not solely to fictionalize historical events that were and continue to be significant to Mexico and Spanish America as a whole. Had that been his only purpose, they surely would have been little reason for him to hide his identity. There are frequent allusion throughout the novel to the effort

that people must exert to attain the freedom from the tyranny that oppresses them. The constant reference to the struggle between the republics of the New World and the empire-building represented by the conquering Spaniards is clearly analogous to the ongoing conflict at the time of the novel's publication between like forces in Mexico immediately following the wars of independence begun in 1810 and ending in the early 1820s. For many Mexicans struggling against early nineteenth-century Spain, there was a clear correlation between the events facing Tlaxcala and Tenochtitlán more than three hundred years before and the situation that existed in their own time. (ANÔNIMO, 1999b, p. 5)

Ou seja, o autor de *Xicotécatl* parecia ter o intuito de fazer com que os leitores retomassem a noção de liberdade, não usando o romance como uma forma de dominação intelectual de classes ou somente feito para ensinar a história, manipula, assim, artisticamente trechos da história da conquista do México, conforme nos é informado no estudo introdutório da obra, publicada pela University of Texas Press, cuja tradução ao Inglês foi feita por Guillermo I. Castillo-Feliú. O autor, conforme vemos nesse estudo, procede assim em sua narrativa a fim de “To add credence and historicity to the events depicted here, the anonymous author intersperses the narrative with generous extracts from *Historia de la conquista del Mexico*, chronicles of the conquest written by Antonio de Solís (1610 – 1826)” (ANÔNIMO, 1999b, p. 5).

Por meio da representação de *Xicotécatl* filho, duas temáticas ficam evidentes na obra: a mudança da ideia de família: *Xicotécatl* filho é adotivo e também passa a adquirir características do povo de Tlaxcala. Temos, assim, uma ideia de configuração familiar que ultrapassa as fronteiras dos laços sanguíneos para promover, ainda que de forma implícita, uma possível união entre diferentes culturas, buscando-se por um bem comum; e a outra é a introdução do discurso do Colonizador no contexto histórico: *Xicotécatl* filho, consegue entender as consequências, nada boas, que estão por trás desse discurso e tenta convencer, de forma falha, os demais nativos de suas percepções.

Contudo, outro lado da república também é mostrado por meio do personagem *Magiscatzin*, cuja configuração malévola se opõe àquela de *Xicotécatl* filho: Traidor da causa de seu povo, mentiroso, manipulador, vingativo. Ele é inimigo da família dos *Xicotécatl* e se deixa levar por interesses pessoais, guiado ainda mais pela inveja, após a eleição de *Xicotécatl*. No entanto, apresenta, também, uma caracterização positiva, por ser, em si, nativo; é um guerreiro talentoso e é válido lembrar-se de que tais características negativas só aparecem após o seu contato com Cortés e seu exército, trazendo à tona a teoria do bom

selvagem, de Rousseau, em O Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens (1750), que diz que o homem por natureza é bom, nasce livre, mas sua maldade advém da sociedade. Aqui, no caso do romance, ela nasce do contato com o colonizador. O personagem nativo malévolo, contudo, ao enfrentar-se com a morte arrepende-se de toda a sua maldade e está consciente que, no passo seguinte, terá que pagar pelos horrores que cometeu.

Sendo assim, ao mesmo tempo em que há exemplos de personagens que possuem e mantêm características cavalheirescas do herói, mesmo em contato com novas culturas, há também aqueles antagonistas, que possuem, sim, boas características, porém após o contato que estes tiveram com os colonizadores, suas características boas foram anuladas. Estes vão se tornando subordinados aos colonizadores, na esperança de que essa relação lhes seja benéfica. Vale lembrar que isso não quer dizer que os colonizadores, em si, são maus e transmitem tais características aos nativos, mas que tal contato pode tanto acarretar consequências boas como ruins para ambos.

A aliança que o imperador Asteca, Cuauhtémoc, propôs aos tlaxcaltecas para lutar contra os invasores e que Xicoténcatl filho havia recomendado, é rejeitada sob a influência de Magiscatzin. Conforme Cortés avança em direção à capital do império asteca, ele ordena o enforcamento do jovem Xicoténcatl, pois suspeita que o mesmo tenha um plano para traí-lo. Ao mesmo tempo, sabe-se que o espanhol está apaixonado pela beleza de Teutila, a esposa do líder indígena Xicoténcatl, a quem o conquistador espanhol havia, anteriormente, tentado seduzir. Teutila, contudo, mantém-se fiel, buscando, inclusive, vingar a morte do marido, matando o conquistador, mas, por ironia do destino, o veneno tomado por ela faz efeito antes de que possa levar seu propósito a cabo.

O ponto crucialmente dramático para Xicoténcatl filho ao longo da narrativa é sua fatal incapacidade de convencer seu pai e o Senado todo de que a rivalidade entre Tlaxcala e Tenochtitlán é muito menos perigosa e significativa que a rendição aos espanhóis e uma organizada colaboração contra os Astecas. O jovem Xicoténcatl se destaca como uma exposição idealizada do “Novo Mundo” prestes a sofrer irreversíveis mudanças devido à conquista espanhola.

Todo o processo de conquista do México muda de perspectiva nesse romance, uma vez que os fatos são apresentados pela perspectiva dos nativos, em especial a de Xicoténcatl filho; ou seja, há um deslocamento do *locus* de enunciação, transferindo-o do homem europeu para o nativo. É a primeira vez que isto ocorre em um romance histórico. Pelo discurso ficcional,

os nativos são enaltecidos e os conquistadores, sempre heroicizados pelo discurso historiográfico, são denunciados como hipócritas, falsos, inescrupulosos e gananciosos.

Além disso, vale ressaltar que, na literatura hispano-americana desse período, exemplos laudatórios das ações dos europeus no “Novo Mundo”, como Colombo ou qualquer outro espanhol da fase do “descobrimento” e conquista, submetidos aos parâmetros scottianos, voltados à recriação ficcional da história da América, são praticamente inexistentes.

Os nativos, nomeados de Americanos na obra, são nobres e moralmente corretos, com um caráter: “belicoso, sofrido, franco, poco afecto al fausto y enemigo de la afeminación” (ANÓNIMO, 1826a, p. 80). Apenas Magiscatzin, como já mencionado, membro do Senado Tlaxcalteca, é exceção: ele é um traidor da causa de seu povo, inicialmente por abusar de uma moça da tribo vizinha, deixando-a com marcas; e por se subordinar a Hernán Cortés e se aliar à causa espanhola.

No romance, os ideais republicanos são tidos como características primeiras da república que estava em luta conta o tirano caudilho Hernán Cortés. Tlaxcala é exaltada como uma república bondosa, e com um senado virtuoso, onde predomina o respeito, a justiça e os valores de identidade nacional, valores que devem estar acima das ambições pessoais, como se pode perceber no trecho que segue:

[...] por todas partes se dejaba ver la igualdad que formaba el espíritu público del país [...] Su gobierno era una república confederada; el poder soberano residía en un congreso o senado, compuesto de miembros elegidos uno por cada partido de los que contenía la república [...] El espíritu nacional de los tlaxcaltecas era tan decidido que [...] se sostuvieron siempre en guerra contra aquel emperador poderoso, y siempre invencibles. (ANÓNIMO, 1826a, p. 80)

Silvia Benso (1988, p. 113), em um artigo sobre a obra, descreve o estado de Tlaxcala, como uma espécie de civilização ideal, utópica: “incontaminado, cerrado al comercio del oro y de la plata, famoso por la rectitud de sus gentes, por la justicia de su senado”. E, conforme afirma Brushwood (1973, p. 87), em Xicoténcatl (1826): “se siente un respeto ilimitado por la bondad del hombre en su estado natural y se pone en tela de duda el valor de las instituciones sociales que niegan el origen común y la igualdad de los hombres”. Esse é, pois, o conflito que vive o jovem guerreiro: seguir seus próprios impulsos de justiça e retidão, ou submeter-se aos desígnios coletivos (manipulados e negociados) do senado de sua república.

Como última temática, podemos citar a morte: nesse romance, tal temática, como uma forma de submissão mesma, é tratada de forma vinculada à crítica ao sistema dominador e revela

a perda da resistência, o produto do processo de imposição sofrido pelos nativos do continente, pois a morte do herói, Xicoténcatl filho, condenado à forca por razões políticas, serve como forma de mostrar a quebra da resistência, a impossibilidade da continuação de uma união que poderia gerar frutos conscientes da situação do autóctone frente ao invasor europeu.

CONCLUSÃO

Oriundo das criações europeias, esse primeiro romance histórico hispano-americano apresenta já as primeiras rupturas com o modelo clássico scottiano, pois os fatos históricos são o cerne mesmo do romance. Temos, assim, na construção do romance, uma perspectiva de um evento histórico que atua no centro da narrativa, diferentemente do modelo clássico scottiano, cujo primeiro plano é constituído por uma diegese puramente ficcional. A construção do romance aborda de forma diferente o processo de conquista do México, diferindo, contudo, pela perspectiva eleita daquela apresentada na historiografia original, cujos registros mais significativos são aqueles feitos por Hernán Cortés, nas Cartas de Relación (1519, 1520, 1522, 1524, 1526), e seu cronista Bernal Díaz del Castillo, em sua obra *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España* (1568).

Tendo em vista que somente a partir de 1949 aparecem, na América Latina novas formas de se representar a história ficcionalmente de maneira bastante inovadora se comparada ao romance histórico clássico, *Xicoténcatl* (1826) dá um longo passo, distanciando-se do modelo clássico scottiano e empreende a longa jornada da escrita híbrida de história e ficção que se faz altamente crítica no espaço latino-americano. Fato esse que faz nascer, mais de um século depois, dentre outras, a modalidade do novo romance histórico (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993), latino-americano, com a publicação de *El reino de este mundo* (1949) de Alejo Carpentier.

REFERÊNCIAS

AÍNSA, F. *La nueva novela histórica latinoamericana*. México: Plural, v. 240, 1991. p. 82-85.

ANÓNIMO. *Xicoténcatl*. Imprenta de Guillermo Stavely. Filadelfia, 1ª ed. 1826a.

ANÔNIMO. [Jicoténcal. English] *Xicoténcatl*: an anonymous historical novel about the events leading up to the conquest of the Aztec Empire/Translated by Guillermo I. CastilloFeliú. Texas: University of Texas Press. First edition. 1999b.

BENSO, Silvia. *Xicoténcatl*: para una representación del pasado tlaxcalteca. Romanticismo 3-4: Acti del IV congresso sul romanticismo spagnolo e ispanoamericano (Bordighera, 9-11 aprile 1987): la narrative romantica. Genova: Facolta' di magistero dell' universita' de Genova, Istituto di lingue e letterature straniere, Centro di studi sul romanticismo iberico, 1988.

BRUSHWOOD, J. S., *México en su Novela*, Fondo de Cultura Económica, México 1973.

LOPES, R. S. *Configuração dos Nativos em Romances Românticos Americanos – Xicoténcatl (1826) E The Last Of The Mohicans (1826)*. 2012. 50f. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2012.

LUKÁCS, G. *La novela histórica*. Trad. Jasmin Reuter. 3. ed. México: Editora Era, 1977.
MATA INDURAIN, C. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In:
MENTON, S. *La Nueva Novela Histórica de la América Latina: 1979-1992*. México: Editora do Fondo de Cultura Económica, 1993.

MENTON, S. *La Nueva Novela Histórica de la América Latina, 1979-1992*. Ed. Fondo de Cultura Económica, S.A de C. V. Carretera Picacho-Ajusco, 227; 14200, México, 1993.

UREÑA, P. H. *Las Corrientes Literarias en la América Hispánica*. Ed. Fondo de Cultura Económica, México, 1949.